

***Bruscamente, no Verão passado [Suddenly, Last Summer] (1959) de Joseph L. Mankiewicz***

**CINE CLUBE, 19 de Fevereiro 2013  
BIBLIOTECA, FCT/UNL**

**PORTAIS EM TORNO DO FILME (1959):**

<http://www.imdb.com/title/tt0053318/>

<http://www.tcm.com/tcmdb/title/91832/Suddenly-Last-Summer/>

[http://en.wikipedia.org/wiki/Suddenly,\\_Last\\_Summer\\_\(film\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Suddenly,_Last_Summer_(film))

[http://suddenly-hysteria.wikispaces.com/file/view/SLS\\_large\\_scan.pdf](http://suddenly-hysteria.wikispaces.com/file/view/SLS_large_scan.pdf) (o drama de Williams, publicado em 1958, em pdf)

**PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR JOSEPH L.MANKIEWICZ (1909-1993):**

<http://sensesofcinema.com/2005/great-directors/mankiewicz/>

**ALGUMA BIBLIOGRAFIA IMPRESSA EM TORNO DO REALIZADOR:**

- Michel Ciment and Laurence Kardish (eds), *Positif: 50 Years*, Nova Iorque: Museum of Modern Art, 2002.
- Bernard F. Dick, *Joseph L. Mankiewicz*, Boston: Twayne, 1983 .
- Kenneth L. Geist, *People Will Talk: The Life and Films of Joseph L. Mankiewicz*, Nova Iorque: Scribners, 1978.
- Frieda Grafe, *The Ghost and Mrs Muir*, Londres: BFI, 1995.
- Cheryl Bray Lower and R. Barton Palmer, *Joseph L. Mankiewicz: Critical Essays with an Annotated Bibliography and a Filmography*, Jefferson: McFarland & Company, Inc., 2001.
- Joseph L. Mankiewicz and Gary Carey, *More About All About Eve*, Nova Iorque: Random House, 1972.
- Eric Rohmer, *A Taste for Beauty*, Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

**ALGUMA BIBLIOGRAFIA IMPRESSA EM TORNO DO FILME:**

- Capua, M. (2002). *Montgomery Clift: A Biography*. Jefferson, NC: [McFarland Press](#).
- [Crowther, B.](#) (December 23, 1959). [Catledge, T.](#) ed. "[Review: Suddenly, Last Summer](#)". *The New York Times* (New York City, NY: A. H. Sulzberger).
- Edwards, A. (2000). *Katharine Hepburn: A Remarkable Woman*. New York City, NY: St. Martin's Griffin.
- [Hadleigh, B.](#) (2001). *The Lavender Screen: The Gay and Lesbian Films—Their Stars, Makers, Characters, and Critics* (Rev. ed.). New York City, NY: Citadel Press. Jackson, P. R. W. (2003). *The Life and Music of Sir Malcolm Arnold: The Brilliant and the Dark*. [Burlington, VT: Ashgate Publishing](#).
- LaGuardia, R. (1984). *Monty: A Biography of Montgomery Clift*. Nova Iorque: Avon Books.
- Russo, V. (1987). *The Celluloid Closet: Homosexuality in the Movies* (Rev. ed.), Nova Iorque: HarperCollins.

## PORTAIS EM TORNO DO DRAMATURGO TENNESSEE WILLIAMS (1911-1983):

<http://www.tennesseewilliamsstudies.org/>

[http://www.dmoz.org/Arts/Literature/Drama/20th\\_Century/Williams,\\_Tennessee/](http://www.dmoz.org/Arts/Literature/Drama/20th_Century/Williams,_Tennessee/)

[http://en.wikipedia.org/wiki/Tennessee\\_Williams](http://en.wikipedia.org/wiki/Tennessee_Williams)

<http://www.findagrave.com/cgi-bin/fg.cgi?page=gr&GRid=1111>

<http://www.ibdb.com/person.php?id=8822>

## EM TORNO DA MORTE DE ROSE WILLIAMS (1909-1996):

<http://www.independent.co.uk/news/people/obituary-rose-williams-1362925.html>

As convergências da vida e da criação artística na obra dramática de Tennessee Williams: a seguir, lê-se um excerto de uma entrevista em que Tennessee Williams fala da sua irmã Rose (que fora sujeitada a uma lobotomizada deixando-a severamente incapacitada):

"Why was the operation performed? Well, Miss Rose expressed herself with great eloquence, but she said things that shocked Mother. I remember when I went to visit her at Farmington, where the state sanatorium was. Rose loved to shock Mother. She had great inner resentment towards her, because Mother had imposed this monolithic puritanism on her during adolescence. Rose said, "Mother, you know we girls at All Saints College, we used to abuse ourselves with altar candles we stole from the chapel." And Mother screamed like a peacock! She rushed to the head doctor, and she said, "Do anything, *anything* to shut her up!" Just like Mrs. Venable, you know, except that Mother wasn't as cruel as Mrs. Venable, poor bitch. Whatever Mother did, she didn't know what she was doing." (In: "Tennessee Williams, The Art of theater No.5", Entrevista a Tennessee Williams com Dotson Rader, Paris Review, 2013:

<http://www.theparisreview.org/interviews/3209/the-art-of-theater-no-5-tennessee-williams>>

## **“Canibalizando o cérebro/canibalizando o corpo: lobotomia e desejo em *Bruscamente, no Verão passado* de Tennessee Williams/Joseph L. Mankiewicz”**

**Christopher Damien Aurette  
DCSA/FCT/UNL**

«Like the dawn of creation...», afirma “Violet Venable”, no início do filme, ao descrever o insólito jardim concebido pelo seu filho Sebastian, morto “suddenly, last summer”, em circunstâncias que o filme virá rocambolescamente elucidar. A matriarca, cujo nome lembra a nomenclatura binominal do botânico Carlos Lineu (1707-1778) será, porventura, uma espécie única de planta venenosa?, ou gigantesco feto pré-histórico?, ou, talvez, flor carnívora? Ou será simplesmente aquilo que o espectador atento entende desde o primeiro diálogo de Violet com o psiquiatra e neurocirurgião, Dr. John Cukrowicz, pioneiro (versão americana) da neurocirurgia, especialidade: lobotomia (a que nós temos direito de observar decorrer na sala de operações do doutor no asilo estatal, Lion’s Gate, onde trabalha, silenciando, vê-se, a demência considerada sem remédio de uma infeliz doente internada no asilo. (O filme indica que estamos em 1937, o que, perante a história da lobotomia como um tratamento aceitável em relação a certas doenças de foro psiquiátrico, significa que estamos na época contemporânea com a reabilitação “moderna” desta intervenção, tendo já sido proposto como tratamento em finais do século dezanove pelo psiquiatra suíço Gottlieb Burckhardt (1836-1907), uma proposta, contudo, rejeitada como um tratamento bárbaro pelos seus

congêneres naquela altura. Mediante a inserção de um leucotoma (instrumento utilizado neste tipo de neurocirurgia pela qual Egas Moniz (1874-1955) recebeu o Prémio Nobel de Fisiologia ou Medicina, em 1949), no lóbulo frontal [“pre-frontal córtex] dos pacientes, por via trans-orbital, os doentes acordavam com a personalidade e/ou a inteligência, e/ou a memória, e/ou a vida alterada de modo irrevogável. (Alguns doentes foram sujeitos, ao longo da vida, a mais de uma lobotomia.)

Vemos Violet Venable alimentar uma planta carnívora do seu jardim com uma infeliz mosca. Poder-se-á conceber uma imagem mais gritantemente «freudiana», mais arquetipicamente rememorativa da Mãe devoradora dos seus filhos, mais inconfundivelmente associada aos dramas familiares dos mais inconventionais do que esta figura feminina tão aristocraticamente demente? (Violet sobe e desce, recorde-se, num ascensor construído dentro do seu palacete ligando os espaços mais públicos aos seus aposentos mais privados situados no (etéreo) andar superior. Nunca se sabe, aliás, a origem da sua fortuna, herdada aquando da sua viuvez. Com efeito, ela flutua nas nuvens da sociedade e da razão: constitui, ao que parece, o seu próprio mundo, com as suas próprias leis gravíticas e as suas próprias razões e motivos. Katharine Hepburn (1907-2003) desempenha o papel desta matriarca num registo de surrealista decoro que nunca roça, contudo, a via fácil do ‘camp’. Aliás todo o filme flutua no delicioso e decoroso nenhures da implausibilidade e do insólito. Assim, com cada cena, o filme não pode senão questionar a sua própria sustentabilidade. Perante a loucura da matriarca, interpretada pela atriz, a partir da obra de Williams, com um espírito de alucinante esteticismo e graciosa selvajaria, o filme chegará ao seu fim depois de ela subir uma última vez no ascensor rumo à alienação total e definitiva. Deve-se à mestria do realizador Mankiewicz o resultado final: uma mestria que lhe permite abordar os elementos insólitos e rocambolescos desta história com precisão analítica e justeza dramática.)

Estaremos nós perante um filme de *Southern Gothic*, como se lê na bibliografia crítica a respeito deste filme? Sim, sem dúvida. Esta designação indica que não existirá nenhuma linearidade lógica na história que o filme relata: nenhuma racionalidade estável, nenhuma causalidade verificável, nenhum motivo fiável, nenhuma imagem deveras transparente. Cada personagem incarnará uma peça do drama familiar que o psiquiatra terá que desvendar antes de decidir, ou não, submeter Catherine Holly a uma lobotomia. (Catherine é a bela, mas histérica, «Southern belle», a ingénua vítima da sexualidade nunca explicitada – embora iniludivelmente evidente para o espectador atento – do primo.) Na verdade, o primo, Sebastian, instrumentaliza a sua beleza, i.e., ela é o engodo feminino para atrair homens com quem ele espera poder consumir as suas próprias fantasias, cuja concretização não prescinde de muito dinheiro gasto nos jovens que a fome torna cúmplices no que respeita a essas fantasias. Eis a bela Catherine canibalizada pelo desejo do primo. Eis o primo, Sebastian, canibalizado por uma Mãe devoradora de psiquismos e de vidas. Eis o asilo que canibaliza (=lobotomiza), por seu turno, a mente dos seus doentes, i.e., as suas memórias, a sua personalidade, os seus afectos e a sua verdade. Eis a mãe e o irmão de Catherine, gananciosos e interesseiros, um duplo caricatural do charme sulista (e que a matriarca, Violet Venable, ela própria, representa num misto de eloquente delicadeza e sorridente malevolência), que “canibaliza” a fortuna da matriarca

sempre que possível. Para a matriarca, a lobotomia extinguirá a memória das circunstâncias verídicas em torno da morte do filho, uma memória guardada no corpo e mente de Catherine, a infeliz testemunha dos últimos momentos da vida do primo. Perante a ameaça que a memória de Catherine representa para a matriarca, portanto, uma lobotomia salvaguardaria a falsa imagem de Sebastian que ela deseja manter (e de que a sua ténue sanidade depende). É claro que o filme revela que Sebastian era desde sempre um ser dominado e cultivado (como uma planta?!) pelo hysterismo da matriarca, para se tornar mais uma obra estética inventada do que um ser humano, mais uma obra póstuma do que um ser de carne e osso, mais o esboço de uma pessoa do que um ente realmente autónomo. Eis, por último, um derradeiro acto de canibalismo: o corpo despedaçado e parcialmente devorado pelos jovens da aldeia situada à beira-mar. Daí que se possa afirmar que o filme canibaliza a vida de cada uma das personagens, tornando-as os sinais de um drama gótico e rocambolesco que o realizador habilmente desenvolve.

Existe uma ironia subjacente ao filme. É o médico-psiquiatra, pioneiro da lobotomia, que será o protector de Catherine Holly, que a não submeterá, afinal de contas, a uma lobotomia, que descobrirá a verdade terrível sobre a morte de Sebastian naquela longínqua praia, Cabeza de Lobo, situada algures no Mediterrâneo ibérico. Na última imagem do filme, o doutor estende a mão a Catherine, acompanhando-a para fora do jardim (que só poderia assemelhar-se ao «dawn of creation» se se tratasse de um jardim genesiaco concebido num manicómio).



